

Neste Número

- Saberes... Teatro Radiofónico
- Ouvi dizer... QR Code
- Por esse mundo ...
- Conselhos sobre o Concelho
- A Filosofia vai ao cinema

- Se bem me lembro
- Lembranças e Lembretes
- Quebra-Cabeças
- Pimenta na Língua

o jornal
A Nov'ldade

JUNHO
2023

Universidade Sénior de Linda-a-Velha

nova atena



EDITORIAL

O nosso ano lectivo chega ao fim! Foi um ano muito bom para a Nova Atena, portanto foi um ano muito bom para os seus associados!

Desde logo porque finalmente retomámos a normalidade, porque as nossas instalações ganharam vida novamente! As salas encheram-se de sorrisos, as pessoas sentiram-se felizes novamente, o convívio regressou, a nossa salinha de estar foi novamente exígua para tanta gente! Que bom! Ver cada um de nós a fazer aquilo de que mais gosta: conviver com os amigos, frequentar aulas, desfrutar de múltiplas actividades, participar em tantos eventos! Em suma: ser feliz! Sim, é este o nosso objectivo e estamos de parabéns porque conseguimos atingi-lo. Tudo se passou a um ritmo frenético, sempre constante. Lembrar só o lançamento do livro Dias Felizes! Recordar, reviver o nosso almoço de comemoração do quinto lustre! Ainda recentemente organizámos dois grandes Festivais: O Livro e a Literatura, o VIII Festival de Música Sénior! O Grupo de Teatro levou à cena a peça *Ralações Conjugais*, que foi um sucesso tremendo, e o folhetim radiofónico *Sopa Juliana*. Os Jograis voltaram ao Palácio dos Aciprestes, onde apresentaram excelentes trabalhos sobre Saramago, Ana Luísa Amaral, Natália Correia e Eugénio de Andrade, dizendo poesia em diálogo com a música. Os nossos grupos musicais desdobraram-se em tantas apresentações... Tantas exposições nas nossas instalações... tantas excelentes caminhadas... Enfim, tantos sucessos...

Mas... quando um ano acaba, já estamos a preparar um novo ano! Este não vai ser fácil, vamos ter obras em nossa casa. E quão difícil é uma realidade como esta. Mas vai valer a pena o sacrifício, vamos finalmente ter a nossa sala polivalente, vamos ter mais espaço para as nossas actividades, tudo vai ser muito melhor!

Vamos fazer tudo bem, mesmo com obras, vamos ser capazes de manter a Nova Atena em funcionamento, como sempre fizemos, mesmo em tempo de pandemia.

Fernando Pessoa escreveu, na *Mensagem*:

*Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

Boas férias para todos!

Luís Santos

escrito ao abrigo do antigo acordo ortográfico



Rua Almeida Garrett, 20, 2795-012 Linda-a-Velha
214191102 – 964953207 | novaatenaa@gmail.com | www.novaatena.com

DIREÇÃO: Luís Santos

GRAFISMO E MONTAGEM: José Lobato - Teresa Castro Nunes

REVISÃO: M^a Amélia Mendes - M^a José Saraiva



Teatro Radiofónico

CARLOS LOPES



Teatro radiofónico, rádio-teatro, rádio-drama, várias designações para a mesma realidade: uma performance dramatizada e puramente acústica, transmitida pela rádio ou publicada em meios de áudio. Sem qualquer componente visual, são o diálogo, a música e os efeitos sonoros que permitem ao ouvinte imaginar os personagens e a história.

O teatro radiofónico tornou-se imensamente popular nos anos 20 do século passado. Com o advento da “rival” televisão, a sua popularidade viria, contudo, a decrescer gradualmente.

EM PORTUGAL: Por cá, o teatro radiofónico teve o seu início nos anos 30, sobretudo com as transmissões da Emissora Nacional. As décadas de 50, 60 e 70 corresponderam aos anos de ouro do rádio-teatro em Portugal, sendo várias as estações onde o mesmo podia ser apreciado (Emissora Nacional, Rádio Clube Português, Rádio Renascença, entre outras). Ilustrativo dessa popularidade foi o retumbante sucesso obtido com as radionovelas (um dos subgéneros do rádio-teatro) ► “A Força do Destino” (1955, popularmente conhecida como “A Coxinha do Tide”) e ► “Simplesmente Maria” (1973).

Já nos anos 90, o teatro radiofónico viria a desaparecer quase completamente da rádio portuguesa. Nos últimos anos, porém, o mesmo tem vindo a ser redescoberto por algumas emissoras e criadores teatrais.

Grandes autores, atores e técnicos fazem parte da história do rádio-teatro em Portugal, entre eles se contando Carmen Dolores, Rogério Paulo, Ana Paula, Igrejas Caeiro, Armando Caldas, Elvira Velez, Ruy Furtado, João Mota, Irene Cruz e tantos outros.

NA NOVA ATENA: Também o **GTNA-Grupo de Teatro Nova Atena** se aventurou já nas ondas do teatro radiofónico. Em 2020/2021, mercê da pandemia de COVID19 e da conseqüente impossibilidade de a atividade do grupo decorrer em ambiente presencial, foi produzido o folhetim ► “Lisboa em Camisa”, numa adaptação da obra de Gervásio Lobato. Já este ano, o GTNA decidiu fazer uma segunda incursão pelas ondas do teatro radiofónico, adaptando a peça ► “A Sopa Juliana”, escrita em 1938 por Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa.



Lisboa em Camisa



A Sopa Juliana



LIGAÇÕES COM INTERESSE:

- [O Teatro Radiofónico Português](#)
- [Teatro Radiofónico](#)
- [Teatro Sem Fios](#)
- [Teatro Imaginário](#)

'QUICK RESPONSE CODES'



Os “QR codes”, também conhecidos como códigos de resposta rápida (**Quick Response Codes**), são códigos de barras bidimensionais que podem ser lidos por um smartphone ou um leitor de QR codes para aceder a conteúdo ou informações digitais. Foram desenvolvidos pela empresa japonesa Denso Wave em 1994 e, desde então, têm ganho popularidade em todo o mundo.



< O QUE SÃO? >



Os **QR codes** são usados para armazenar e partilhar informações de forma rápida e fácil. Podem conter vários tipos de dados, como URLs de sites, informações de contacto, detalhes de produtos e até texto simples. A informação é codificada num padrão de quadrados pretos e brancos que pode ser lido ao digitalizar o código com a câmara de um smartphone ou uma aplicação de leitor de **QR codes**.

Para usar um **QR code**, basta abrir a aplicação de leitor de **QR codes** no seu smartphone e apontar a câmara para o código. A aplicação irá decodificar a informação e apresentá-la no ecrã do dispositivo. Agora, muitos smartphones vêm já com leitores de **QR code** integrados. Alternativamente, pode descarregar-se uma aplicação gratuita na loja de aplicações, como o *Google Lens*.

Os **QR codes** tornaram-se cada vez mais populares nos últimos anos, pois oferecem uma maneira simples de aceder a informações rápida e facilmente. São usados numa enorme variedade de contextos, como publicidade, marketing e embalagens de produtos. Por exemplo, uma empresa pode incluir um **QR code** na embalagem do seu produto, chamando a atenção dos clientes para seu site ou a sua página numa rede social.

Os **QR codes** também são usados para pagamentos sem contacto. Por exemplo, o *MBway*, usa **QR codes** para gerar um código no dispositivo de pagamento do comerciante que pode ser lido pelo smartphone do cliente para concluir a transação. Isto tornou-se particularmente útil durante a pandemia de COVID-19, pois permitia fazer pagamentos sem contato físico.

Em conclusão, os **QR codes** são uma ferramenta versátil e conveniente para armazenar e partilhar informações. Eles são fáceis de usar e podem ser lidos por qualquer smartphone ou aplicação de leitor de **QR code**. À medida que a tecnologia continua a evoluir, podemos esperar ver os **QR codes** usados de maneiras ainda mais inovadoras.

DESAFIO E para finalizar, será que conseguem ler o QR code deste artigo?



Por esse Mundo

A Ilha de Divar e os Tulsi

texto e fotografias de
Marina Brandão Lucas

Escrevendo sem adoptar o Acordo Ortográfico



Do alto de Velha Goa, debruçada à varanda, vejo o ferry que atravessa o rio Mandovi para a ilha de Divar. E num instante lá estou, mergulhada nos muitos verdes. Velhas igrejas brancas de grossas paredes escondendo os interiores pelas portas enormes azul celeste; templos hindus coloridos, abertos para o interior com colunas cor de laranja; as antigas casas da aldeia da Piedade, sinais de cruces vermelhas nas paredes ocre-vivo, decoradas com pequenos muros como se fossem de renda branca; janelas protegidas por madreperla; musgo e grandes árvores; caminhos de terra batida num tom castanho barro. O amarelo e preto dos tuk-tuk passam velozes com os clientes que irão seguir no próximo ferry; uma mota barulhenta, uma risada, uma saudação. Depois ... volta a calma. Algumas vacas, aquelas sagradas e de trabalho, de grandes cornos afilados, ruminam e mostram colares de corda entrançada com cauris, as conchas que foram dinheiro. Tudo envolvido num silêncio pesado, como é o calor.

Por esse Mundo

Divar antiga foi dos primeiros lugares que os portugueses ocuparam no longínquo século XVI. Nunca foi fácil para ninguém. Era o comércio à força e a nova religião a tentar ocupar o lugar da antiga. Mas, no que toca a religiões, apenas o espaço físico é ocupado. A fé, num ou em muitos deuses, fica com o ser. E, com tempo e sorte as religiões convivem, tornam-se vizinhas. Sabem do porquê do bater do sino, ouvem as vozes rezando, percebem das flores especiais para cada uma das muitas entidades, acendem velas, oferecem frutos, lugares lavados com água lavada. Sempre uma bênção.



E depois há os tulsi, os pequenos altares domésticos à entrada das casas ou dos templos, dedicados a Krishna ou a Vishnu. Com os mil sons do Om. E como tulsi significa também manjerição, a planta sagrada, medicinal, o lugar está protegido. Acreditamos. Mas há que saber fazer a oração certa para manter a ligação à nossa paz interior. Todas as manhãs, naquela explosão de cores que a Índia oferece. Como um enorme caleidoscópio.

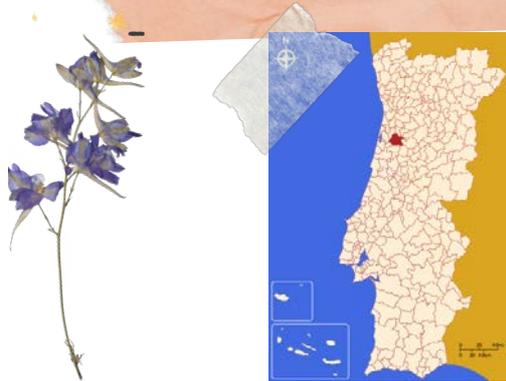


Clique sobre a imagem ou utilize o QR Code para ver um filme sobre Divar



Conselhos sobre o Concelho - Águeda -

uma viagem alfabética pela nossa terra
- José Lobato -



Saiba mais

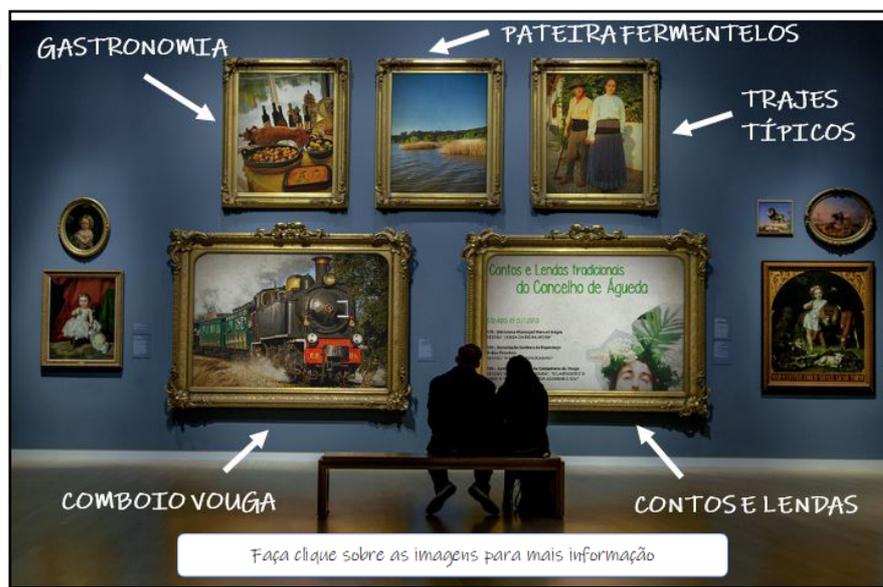


O Concelho de Águeda

é composto por 11 freguesias

Águeda, deve a sua fundação aos Celtas, Túrdulos e Gregos remontando ao ano de 370 Ac. A antiguidade da ocupação desta região é revelada por diversos monumentos megalíticos e pelo Cabeço do Vouga, importante estação arqueológica localizada junto do trajecto da via militar romana de Olissipo a Bracara. No século XI, Águeda é um burgo próspero, com um comércio desenvolvido e o seu porto movimentado, abastecendo-se a si e às populações vizinhas de além Alcoba (hoje Caramulo). É referida, em documentos de 1050 e 1077, tanto pelo seu nome primitivo Casal Lousado (lat. Casal Lousato) como pelo seu nome próprio latinizado Anegia, Agatha e Ágada. Águeda não teve foral na Idade Média, ao contrário de outras povoações vizinhas, por ser terra reguenga e couto dos mosteiros de Lorvão e Vacariça. Águeda era ponto de apoio dos caminhos de Santiago. Na sua albergaria, ter-se-á recolhido em 1325 a Rainha Santa Isabel, quando se dirigia em peregrinação para Santiago de Compostela. Em 1834, Águeda ascende à categoria de sede de concelho, por consequência da revolução liberal dando-se uma reforma administrativa devido à sua capital importância na estratégia político-militar da resistência, à 2ª invasão francesa, pois possuía um hospital militar que socorria os feridos provenientes das batalhas. No dia 8 de Julho de 1985, a vila de Águeda é elevada à categoria de cidade.

Águeda actua como fronteira entre o mar e a serra devido à sua privilegiada situação geográfica, sendo servida por vias rodoviárias e ferroviárias de fácil acesso.



A FILOSOFIA VAI AO CINEMA

A Filosofia, a ética e um espectador entram num cinema

FERNANDO MOURO

Um dos campos mais interessantes da relação entre o cinema e a filosofia tem a ver com o modo como a interacção entre o espectador e a narrativa fílmica é significativa quando o interpela do ponto de vista ético. Nesta vertente, o que discute é se o cinema se deve assumir como independente em relação a qualquer forma e juízo moral, ganhando particular acuidade a questão “existe algum limite ético à prática cinematográfica?”.

Ao problema assim colocado, ser-se-á tentado a responder pela negativa, em nome da liberdade de expressão ou carácter especial do cinema como forma e experiência de arte. Avaliar um filme, enquanto obra de arte, é avaliar as suas qualidades estéticas, tais como a sua coerência, complexidade formal, unidade, eventualmente a sua beleza e originalidade, parecendo pacífico sustentar que as propriedades éticas/morais de um filme não podem ou devem interferir na apreciação do valor artístico dessa obra.

Considerem-se, no entanto, o caso das narrativas fílmicas de onde decorre o apelo a valores por natureza inaceitáveis, tais como, o genocídio e a discriminação, a utilização degradante da imagem ou do corpo da mulher, do homem, da criança, a defesa da vingança e da violência gratuitas ou o recurso ao exercício da justiça privada. Perspectiva-se outra postura, a de considerar que as obras devem ser avaliadas moralmente, visando implicar as considerações morais entre as qualidades estéticas ou artísticas de uma obra. Nesta óptica, as considerações morais são parte do juízo estético e do valor estético e/ou artístico do filme.

Assumamos, por princípio, que não existe método universal para analisar um filme. Como tal, cada narrativa pede ao espectador um tipo de análise particular, na qual este irá construir o seu próprio modelo interpretativo e descritivo, na qual uma valoração de natureza ética/moral terá sempre uma palavra a dizer.

Avaliamos a obra ou o autor?



[A Luz Azul](#)

Leni Riefenstahl - actriz e realizadora alemã 22/8/1902 – 9/9/2003

Se bem me lembro...

BOMBAS



Durante alguns anos, vivi em Genebra. Era secretária do Embaixador na Delegação de Portugal junto da Associação Europeia de Comércio Livre. Isto antes de Portugal aderir à União Europeia. Há muitos anos....

No verão, vinha sempre de automóvel numa longa viagem de dois mil quilómetros que eu fazia em dois dias. Por vezes, tinha a sorte da companhia de alguém amigo. Se não, lá vinha eu sozinha sempre naquela ânsia de chegar depressa e estar com a Família.

No verão de 1970, em pleno salazarismo, numa dessas viagens, passei pelo Regimento de Cavalaria Nº3, em Estremoz, onde um dos meus irmãos, militar, estava a formar uma Companhia de Cavalaria com destino à Guiné.

Um dos meus sobrinhos, um rapagão de 5 anos, quis fazer-me companhia até Algés, onde viviam os meus Pais, o que foi muito agradável para mim.

À saída da cidade estava um mancebo a pedir boleia. Geralmente não dava boleias a desconhecidos, mas como ele estava fardado de soldado resolvi fazê-lo.

Durante o trajecto, o meu sobrinho, que era muito falador, contou-lhe muito feliz que a tia vinha da Suíça e lhe trazia bombas. Se eu viesse mais devagar, certamente o pobre do rapaz ter-se-ia atirado do carro. A sua cara era de pavor. Mas lá aguentou e eu expliquei-lhe que as benditas bombas eram meros brinquedos a que nós chamávamos bombas pelo seu feitio e porque tinham um rastilho que as faziam explodir. Estavam cheias de pequenos brinquedos e lembranças. Nessa altura, não havia nada parecido em Portugal.

Era sempre uma delícia ver o entusiasmo da pequenada quando, sentados em círculo e sem perigo algum, fazíamos explodir as benditas bombas.

Quando cheguei a casa ainda nos rimos, mas o soldado, esse, estaria certamente respirando de alívio e dando graças por estar bem longe daquela tia louca que trazia bombas aos sobrinhos.



LEMBRANÇAS

Por Maria Amélia Mendes e Maria José Saraiva

Março 2023

Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa
		1	2	3	4	
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Maio 2023

Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

ABRIL 2023



Abril 2023

Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa
					1	
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29

Junho 2023

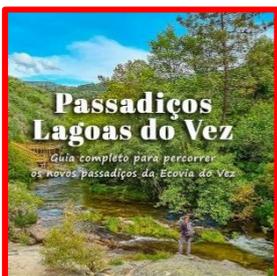
Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sa
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

MAIO - JUNHO 2023

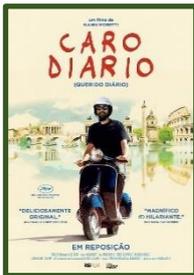
Só Lembranças até 9 de junho



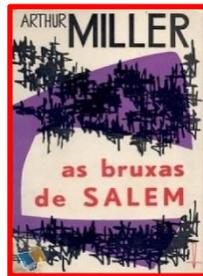
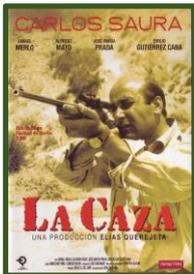
10 e 11 Maio - 8º Festival da Música - Organizado pela Nova Atena - Auditório Ruy de Carvalho - Carnaxide



L
E
M
B
R
E
T
E
S



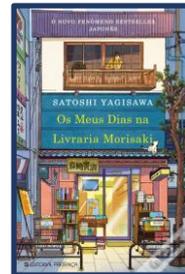
Cinema



Teatro



Livros

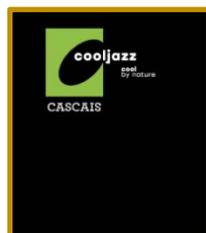


Música

Concertos de Orgão



Eve Risser's Red Desert Orchestra



Exposições



História de uma coleção



Santo António



Japão: Festas e Rituais



Para mais informação: Faça clique sobre as imagens ou utilize o QR Code

> soluções do número anterior <

RESPOSTA À 1ª QUESTÃO

O excerto pertence ao romance “Os Maias” (capítulo VIII) de Eça de Queirós.



Os Maias

PARA SABER MAIS, CLIQUE EM:

- * [OS MAIAS](#)
- * [EÇA DE QUEIRÓS](#)
- * [O REALISMO DA PALAVRA](#)

RESPOSTA À 2ª QUESTÃO:

O fragmento pertence à obra “Os Galgos” de Amadeo de Souza-Cardoso



PARA SABER MAIS, CLIQUE EM:

- * [OS GALGOS](#)
- * [AMADEO DE SOUZA CARDOSO](#)



Os Galgos

RESPOSTA À 3ª QUESTÃO:

A jovem do retrato é M^a da Conceição Gonçalves, sócia fundadora n.º 1 da Nova Atena. E escreve-nos:



Nasci numa aldeia da Beira onde as crianças conviviam livremente na rua e cresciam num contacto direto com os campos e animais. Amavam-se como entes do agregado familiar. Havia de tudo na minha aldeia. Cabras, ovelhas, burros muito espertos. De todos, guardo com muita nitidez as imagens da vaca jarmelista; acastanhada, pachorrenta, corpulenta, poderosa no trabalho e prestimosa pelos laticínios que todo o povo produzia a partir dela. Vida de encanto, mas também de violento trabalho. Terminados os exames da 4ª classe as crianças continuavam no trabalho dos campos. Isto não aconteceu comigo. Os meus pais pressentindo o meu gosto pelo estudo matricularam-me no Liceu da Guarda, depois veio o Magistério e a Universidade. Quis ser professora. Percorri vários graus de ensino, permanecendo longos anos no secundário e após a aposentação na Universidade Sénior. Foi muito belo este percurso pelo ensino, mas sempre que se abre uma clareira no tempo, volto à minha aldeia, agora despovoada, sem as vacas jarmelistas, mas mantendo uma beleza e um silêncio que rejuvenesce a alma.

ACERTARAM NESTAS RESPOSTAS:

Nr	Nome	Certas	Data Mail
411	Ofélia Mendes	3	20/4/23 22:01
1057	Carlos Lopes	3	2/5/23 18:00
502	Maria da Conceição Pereira Areias	2	21/4/23 15:07

Para consultar números anteriores clique [aqui](#) ou utilize o QR Code.





QUEBRA CABEÇAS

LITERATURA

escrito ao abrigo do antigo acordo ortográfico

"Não tardava nada estavam os dois cá em baixo na rua, de narizes no ar e desinquietavam o marceneiro que, por hábito, varria as pedras em frente do estanco com uma vassoura de vimes. Ficaram-se os três a olhar e a apontar com o dedo, trocando entre si considerações em voz baixa."

Do povo as gentes
aqui retratadas
Em viela residentes
com flores nomeadas

1ª QUESTÃO:

A que obra pertence o excerto acima transcrito?

PINTURA

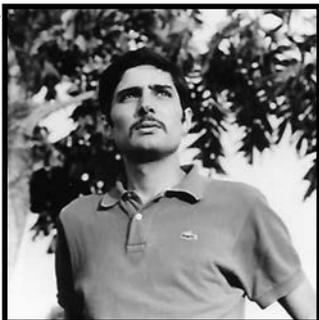


Representação singular
na obra desta pintora
Artista sem vacilar
de ambientes adoradora

2ª QUESTÃO:

Qual o nome da obra de onde foi retirado este fragmento pictural?

FOTOMEMÓRIA



Números, Números, Números
Encheram a sua vida
Sons, Claves e Notas
Dão-nos música garrida!

3ª QUESTÃO:

Quem é o associado que aqui se revela em retrato juvenil?

PIMENTA NA LÍNGUA

- teresa castro Nunes -



- Repare na forma como ele se arranja, este homem é um **possidónio**!

- Sim, sim... e, pelos modos... credo!... **Tem uma falta de chá...**

Há insultos que, pela sua antiguidade ou por serem regionalismos, exigem um bom conhecimento lexical. O seu uso toca o pedantismo.

Chamar **possidónio** a alguém é depreciativo, é dizer que essa pessoa tem um gosto antiquado, tem falta de requinte. Esta palavra, tornada insulto, advém do nome do arquitecto português Possidónio da Silva. Pelo facto de ter usado para um trabalho de decoração no Palácio da Ajuda, que lhe fora pedido por D. Maria II, as porcelanas alemãs *Meissen*, então caídas em desuso, ouviu fortes críticas. E os pedantes de então passaram a usar o seu nome como forma de insulto, o que se mantém até hoje, na linguagem popular. Nos dicionários, surge, ainda, outro significado, também depreciativo - *político ingénuo e provinciano; simplório*.



Joaquim Possidónio Narciso da Silva



Ter **falta de chá** é apanágio daqueles que são pouco elegantes, daqueles que são grosseiros, pouco educados.

O chá sempre esteve associado a classes sociais mais altas, em princípio, mais esmeradas. É a bebida das avós, das tias, dos bolos apetitosos.

Até tarde, o povo ignorou a bebida que chegava a ocidente nas naus das potências coloniais, nomeadamente, dos portugueses. Foi D. Catarina de Bragança que divulgou o uso do chá na corte inglesa, ao casar, em 1662, com Carlos II.

Data de 1883 a Fábrica de Chá Gorreana, em S. Miguel, Açores. É a mais antiga da Europa. Chá é connosco, senhores ingleses!



Porcelana Meissen



PARA SABER MAIS, CLIQUE EM:

- [POSSIDÓNIO DA SILVA](#)
- [A EXPRESSÃO "FALTA DE CHÁ"](#)
- [PORCELANA DE MEISSEN](#)
- [CHÁ GORREANA](#)



Chá Gorreana